



## O silêncio na constituição discursiva da personagem Pudim em tiras chárgicas da série *Armandinho*

### Silence in the discursive constitution of the character Pudim in “tiras chárgicas” from *Armandinho* series

Laura MARQUES SOBRINHO\*

Luís Fernando da SILVA\*\*

Maria Isabel BORGES\*\*\*

**RESUMO:** As imagens e as palavras, juntas, nas histórias em quadrinhos, compõem unidades narrativas, tais quais as palavras no discurso verbal. Também, conforme Miani (2023), essas histórias possuem uma natureza gráfico-visual, elementos linguísticos e uma dimensão ideológico-cultural, tornando-os ferramentas para o desenvolvimento da criticidade, pois não têm meramente a função de divertir o leitor, o qual pode se engajar em uma leitura menos despretensiosa. Portanto, entender a linguagem quadrinística e depreender as ideologias materializadas nos discursos tornam-se fundamentais. Nesse sentido, neste trabalho, o objetivo principal é compreender de que modo a personagem Pudim, uma criação do quadrinista Alexandre Beck, em publicações da série *Armandinho* no Facebook (<https://www.facebook.com/tirasarmadinho>), veio constituindo transformações tanto em características físicas quanto ideológicas. Metodologicamente, foi feito um inventário de 256 tiras, contendo a atuação de Pudim, desde o primeiro aparecimento em 8 de julho de 2014. No estudo, contou-se com as contribuições de Will Eisner (2010), Rozinaldo Antonio Miani (2012; 2023), Scott McCloud (2008) e Paulo Ramos (2011; 2012; 2017), para a compreensão das especificidades da linguagem quadrinística. Para estabelecer o sentido de ideologia empregado nas análises, dentre outros, houve respaldo em Anthony de Crespigny e Jeremy Cronin (1999), Michel Pêcheux (2010) e Eni Puccinelli Orlandi (2003). Em relação à Análise de Discurso, foram imprescindíveis os postulados teóricos de Ruth Amossy (2005; 2017), Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (2021), Eni Puccinelli Orlandi (1987; 2006; 2007). As análises de três tiras chárgicas demonstram a articulação entre a linguagem quadrinística e a produção de sentidos, evidenciam posicionamentos ideológicos do discurso de Pudim e corroboram a caracterização da tira chárgica. Na pesquisa, explora-se ainda o silêncio (Orlandi, 2007): a) silêncio fundador/fundante e b) política do silêncio (silêncio constitutivo e silêncio local). Tais mecanismos discursivos articulam-se para materializar ideologia em

---

\* Doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL). Professora Colaboradora na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR – Brasil. [laura.marques.espanhol@uel.br](mailto:laura.marques.espanhol@uel.br)

\*\* Doutorando em Estudos da Linguagem (UEL). Londrina, PR – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4836-4028>. [louisfernand@hotmail.com](mailto:louisfernand@hotmail.com).

\*\*\* Doutorado em Linguística (UFSC). Professora Associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR – Brasil. Doutora em Linguística. [mariaborges@uel.br](mailto:mariaborges@uel.br)

discurso, gerando impactos sociais substanciais que interferem na constituição dos sujeitos por meio de atravessamentos em suas práticas sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Ideologia. Linguagem dos quadrinhos. Tira chágica. Pudim.

**ABSTRACT:** Images and words, together, in comics, constitute narrative units, much like words in verbal discourse. Furthermore, according to Miani (2023), such comics possess a graphic-visual nature, linguistic elements and an ideological-cultural dimension, making them tools for the development of critical thinking, as they do not merely have the function of entertaining the reader, who can engage in a less unpretentious reading. Therefore, understanding the language of comics and inferring the ideologies materialized in discourses become fundamental. In that regard, in this work, the main purpose is to understand how the character Pudim, created by the cartoonist Alexandre Beck, in publications from the *Armandinho* series on Facebook (<https://www.facebook.com/tirasarmandinho>), has been constituting transformations in both his physical and ideological traits. Methodologically, an inventory of 256 comic strips, featuring Pudim, was compiled, since his first appearance on July 8th, 2014. In this study, there were contributions of Will Eisner (2010), Rozinaldo Antonio Miani (2012; 2023), Scott McCloud (2008) and Paulo Ramos (2011; 2012; 2017) to the comprehension of the specificities of language of comics. To establish the notion of ideology applied in the analyses, among others, there were the support of Anthony de Crespigny and Jeremy Cronin (1999), Michel Pêcheux (2010) and Eni Puccinelli Orlandi (2003). In relation to Discourse Analysis, the theoretical postulates of, for example, Ruth Amossy (2005; 2017), Cleudemar Alves Fernandes and Israel de Sá (2021), Eni Puccinelli Orlandi (1987; 2006; 2007) were essential. The analyses of three “tiras chágicas” (a hybrid genre that blends the comic strip and the political cartoon) demonstrate the articulation between the language of comics and the production of meanings, show ideological positions in Pudim's discourse and corroborate the characterization of the “tira chágica”. In this research, it was still explored the silence (Orlandi, 2007): a) founding silence and b) politics of silence (constitutive silence and local silence). Such discursive mechanisms are articulated to materialize ideology in discourse, generating substantial social impacts that interfere in the constitution of subjects through intersections of their social practices.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Ideology. Language of comics. "Tira chágica". Pudim.

Artigo recebido em: 07.08.2025

Artigo aprovado em: 17.04.2026

## 1 Introdução

As histórias em quadrinhos<sup>1</sup> abarcam inúmeros gêneros do discurso em que a linguagem quadrinística é o alicerce para diferentes formas narrativas. Alguns desses gêneros são mais antigos do que outros. Por exemplo, a tira cômica antecede a chárstica, sendo que esta redireciona os sentidos cômicos esperados naquela para também estabelecer claro vínculo com o momento de produção.

Na série *Armandinho*, iniciada em 29 de novembro de 2012 no *Facebook*, Alexandre Beck cria tiras cômicas e chársticas (que não são nomeadas). Beck consagrou-se produzindo tiras cômicas, as quais, em linhas gerais, fundamentam-se na construção da expectativa e no desfecho inesperado (Borges, 2022; Ramos, 2011; 2012; 2017). Parte delas possui uma relação com o momento de produção, caracterizando-se como tiras chársticas. Não se trata, porém, de uma criação repentina dessa nomenclatura. No início desta década, Borges (2022) destacava a existência de uma mistura de dois gêneros quadrinísticos, propondo a nomeação *tira cômico-chárstica*. Aliás, ocasionalmente o meio acadêmico apresenta posicionamentos diferentes quanto a certas terminologias/nomeações, como a tira cômica, sendo nomeada como tirinha, tira de quadrinhos ou tira (Ramos, 2011, 2012, 2017). À vista disso, justifica-se a caracterização do gênero *tira chárstica*.

Neste trabalho, objetiva-se principalmente compreender de que modo a personagem Pudim, criada pelo quadrinista Beck, veio constituindo transformações tanto em características físicas quanto ideológicas. Aqui são analisadas seis tiras nas quais ele atua: cinco chársticas e uma cômica. Para cumprir o objetivo principal, há a necessidade de: a) explicitar como se articulam a linguagem quadrinística e a produção

---

<sup>1</sup> Neste artigo, as histórias em quadrinhos são compreendidas como um “grande guarda-chuva” (Ramos, 2012, p. 21) que abrigam vários gêneros do discurso, por exemplo, a tira cômica, a tira chárstica, a tira livre, a charge, o cartum, a HQ de aventura, a HQ biográfica, a HQ autobiográfica, o mangá de horror, o mangá de aventura. Muitos são os gêneros discursivos que fazem uso da linguagem quadrinística para contar histórias. Trata-se de uma concepção baseada nas ideias de Ramos (2012, 2011, 2017), compartilhada por Borges (2022). Optou-se por não empregar a sigla HQ nem HQs, pois autores relevantes dessa área preferem escrever por extenso, a não ser quando a sigla é utilizada para nomear algum gênero específico (HQ de aventura); quando o fazem, usam no singular.

de sentidos; b) evidenciar posicionamentos ideológicos inerentes, especialmente ao discurso enunciado por Pudim; c) caracterizar o gênero do discurso *tira chárstica*.

## 2 Aspectos metodológicos

Teoricamente são consideradas as ideias de Eisner (2010), Miani (2012, 2023), McCloud (2008) e Ramos (2011, 2012, 2017), para a compreensão das especificidades da linguagem quadrinística e características da tira cômica e da tira chárstica. Quanto ao sentido de ideologia empregado na análise de três tiras chársticas, respalda-se em Crespigny e Cronin (1999), Pêcheux (2010) e Orlandi (2003). Em relação à Análise de Discurso (AD), imprescindem-se as contribuições de Amossy (2005, 2017), Fernandes e Sá (2021), Orlandi (1987, 2006, 2007). Também foram seguidas as orientações metodológicas de Orlandi (2003): delimitação do *corpus*; levantamento das condições de produção (CPs); identificação das formações discursivas (FDs) e formações ideológicas (FIs); entendimento do funcionamento da produção/apreensão de sentidos a partir do trabalho dos silêncios (fundante, constitutivo e local).

### 2.1 Seleção do *corpus*

O *corpus* constitui-se a partir da seleção de tiras publicadas no *Facebook* (<https://www.facebook.com/tirasarmandinho>), entre 2012 e 2024, que apresentavam a personagem Pudim nas tiras chársticas da série *Armandinho*. Esse foco permitiu revisar as representações dele, os papéis desempenhados nesse período, as variações na construção da personagem e as mudanças no contexto ideológico-cultural. Estrategicamente um intervalo de produção de 12 anos foi a escolha feita para compreender como se deu a evolução estético-temática e político-ideológica de Pudim, em interação com as tendências e preocupações predominantes, na sociedade e na política brasileira. Isso favoreceu reflexões sobre a dinâmica entre humor, política e cultura, evidenciando esse sujeito como um veículo para a expressão e crítica social.

## 2.2 Inventário de tiras com a personagem Pudim

Nesta seção, apresentam-se dados quantitativos sobre o *corpus*, selecionado em consonância com a relevância temática de discursos políticos e polêmicos de direita e esquerda, representatividade e posicionamento de Pudim. Para acessar ao conteúdo completo das tiras, que fundamenta a análise apresentada por meio da amostra de cinco tiras chágicas, o leitor é convidado a escanear o código QR disponibilizado na Figura 1.

Figura 1 - QR Code do inventário de tiras.



Fonte: elaborado pelos autores.

No Quadro 1, ilustra-se a contagem das 256 tiras nas quais Pudim atua desde 8 de julho de 2014, ou seja, quase dois anos depois do início dessas produções de Beck. Perceber, nas sequências narrativas, essa frequência de aparecimento facilita a compreensão do papel por ele desempenhado no contexto desta pesquisa. Desse montante, selecionou-se uma tira cômica (publicada em 12/11/2014) e cinco tiras chágicas, com publicações em: 12/04/2015; 13/12/2016; 18/07/2019; 09/07/2020; e 21/03/2024.

Em 2016, o Brasil vivenciou eventos marcantes, incluindo o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, uma grave crise econômica e a Operação Lava Jato, investigação de crimes de corrupção efetuada pela Polícia Federal. O ano também foi marcado por intensos protestos sociais, refletindo polarização política no país. Nesse período, percebe-se um *boom* de produções com a presença de Pudim.

Quadro 1 – Contagem das tiras e frequência de atuação de Pudim.

meses	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
jan.	-	0	0	0	4	0	0	2	2	0	1	0	0
fev.	-	0	0	0	10	2	3	6	3	2	1	0	0
mar.	-	0	0	1	11	11	5	3	3	0	0	0	1
abr.	-	0	0	2	0	2	2	2	3	1	1	0	0
mai.	-	0	0	1	9	4	3	7	2	2	3	0	0
jun.	-	0	0	2	2	4	1	3	0	1	0	0	0
jul.	-	0	1	1	2	1	1	5	1	2	0	0	1
ago.	-	0	0	0	7	3	2	6	1	3	0	1	-
set.	-	0	0	1	2	3	2	5	1	2	1	3	-
out.	-	0	1	1	4	3	4	6	1	1	0	0	-
nov.	0	0	1	0	3	10	6	2	4	1	2	0	-
dez.	0	0	0	0	10	6	3	1	0	0	0	0	-
subtotal	0	0	3	9	64	49	32	48	21	15	9	4	2
total	256												

Fonte: Os autores. Página oficial do quadrinista Alexandre Beck no *Facebook*, contendo as tiras da série *Armandinho*. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 6 jul. 2024.

Com o tempo, Pudim foi retratado em diversas ocasiões com trajas específicos, refletindo diferentes contextos e significados nas tiras analisadas. Em 5 de agosto de 2016, ele fez uma intervenção verbal significativa ao proferir o enunciado “HO-HORTA COMUNISTÁRIA?”, destacando um momento no conteúdo textual da tira. Em 4 de junho de 2016, foi retratado vestindo uma camisa da seleção brasileira de futebol e calça azul, reforçando a temática nacionalista. Em 12 de março de 2016, apareceu pela primeira vez com o uniforme completo da seleção brasileira, composto por uma camisa amarela com detalhes verdes e azuis, além de *shorts* azuis com listra branca. Notavelmente, trajou a camisa semelhante àquela utilizada pela seleção brasileira de futebol em 24 ocasiões.

### 2.3 Caracterização de tiras chárgicas

Das diversas criações de Beck, dos gêneros quadrinísticos, marcadamente há dois: as tiras cômicas e as tiras chárgicas. Na Figura 2, verifica-se o formato tradicional de uma tira cômica. Segundo Ramos (2017), o formato delas é comparável aos andares

de uma casa. Para um andar só, tem-se o formato tradicional (o mais conhecido e usado pelos quadrinistas), embora haja tiras duplas, triplas e longas.

Figura 2 – Um exemplo de tira cômica.



Fonte: Tira do Armandinho, criação de Alexandre Beck, publicada em 12 nov. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=868640303181277&set=a.488361671209144>. Acesso em: 6 jul. 2024.

Há apenas três quadros (dois demarcados por moldura e um sem), contendo personagens, uso de onomatopeia (“Plonc!”), metáfora visual, além de falas sinalizadas. Neste caso, pela ausência de contornos dos balões, são usados balões-zero (sem contorno curvilíneo típico e com rabicho direcionando a quem pertence a fala). No primeiro quadro, uma personagem está ausente; ela aparecerá no segundo, completando a fala iniciada anteriormente. No último, a pergunta de Armandinho leva o leitor a refletir se a atitude de Pudim consiste em “respeito” ou “medo”, problematizando a perspectiva do senso comum de que a agressividade possa representar respeito.

Pudim é apresentado ao leitor, no primeiro quadro, como rabugento, irritante e que tenta mostrar força. Assim, a caracterização física da personagem se sobressai, contrapondo-se com os aspectos cognitivos e morais, pois o porte físico é o motivo do “respeito” (segundo quadro). Contudo, a força dele, realçada com a descrição física e rudez com as atitudes, amedronta as demais personagens. Não se trata de respeito, e sim de uma demonstração de medo, constata Armandinho (último quadro). A abordagem de Pudim inicialmente pode provocar respeito, entretanto também pode

advir do temor que ele inspira e desejo de ocultar as próprias inseguranças. Isso indica que a alcunha começa a ganhar forma na constituição dessa personagem, como se supostamente Pudim compensasse certa limitação intelectual.

Para Eisner (2010), a compreensão de uma imagem depende do compartilhamento de experiências entre o artista e o leitor. Para garantir que o sentido pretendido seja efetivamente compreendido, é crucial que o “artista sequencial” [nomenclatura usada por Eisner (2010)] se coloque no lugar de leitor. Além disso, os cartunistas utilizam estereótipos como uma forma de facilitar a identificação por parte do público. Logo, se Pudim é “brigão”, forte e valente, indiretamente ele não seria inteligente. Porém, ao longo dos anos, ele vai mudando de posicionamento. Isso surge como abertura ao antagonismo de Pudim em relação ao protagonista Armandinho (ou Dinho) nas demais tiras, efetuando posicionamentos ideológicos contrastantes.

Na tira em foco, permite-se refletir inclusive a questão do *bullying*. A força física e a agressividade podem forçar os outros a se submeterem. Isso não significa que essas personagens sejam respeitadas de fato. O respeito genuíno é conquistado por meio de ações que inspiram confiança e admiração, e não pelo uso de intimidação. A reflexão desses sujeitos sugere que eles começam a perceber essa diferença, questionando a natureza das próprias emoções em relação ao tal “brigão”. Retrata-se uma sociedade que confunde a força física e a agressividade com o respeito. Essa ideologia sustenta que aqueles que são fisicamente superiores ou mais agressivos podem dominar os outros, levando-os a se submeterem (a serem oprimidos), mesmo que por medo. Sugere-se uma valorização da capacidade de questionar a autoridade e as dinâmicas de poder, promovendo a autoconsciência e a resistência contra sistemas opressivos.

Outro gênero explorado por Beck é a tira chárstica, exemplificada nas Figuras 3 e 4. Neles, também estão em jogo os elementos característicos da tira cômica. Ao mesmo tempo, segundo Borges (2022) e Miani (2023), o vínculo é bastante específico ao momento de produção. Para que não haja prejuízo de entendimento, o leitor necessariamente deve relacionar o texto a algum fator externo, geralmente uma notícia

de certa relevância local e temporal em determinada sociedade, trazendo, assim, elementos primordiais de *charge* à tira cômica.

Figura 3 – Um exemplo de tira chárstica.



Fonte: Tira do Armandinho, criação de Alexandre Beck, publicada em 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1376091052436197&set=a.488361671209144>. Acesso em: 6 jul. 2024.

Para estabelecer vínculo com o momento de produção (Miani, 2023) do texto (Figura 3), é imprescindível referir-se à “PEC 55”. Segundo o Senado Federal (2016), trata-se de uma Proposta de Emenda Constitucional de número 55, também conhecida como “PEC do Teto de Gastos”. Essa emenda foi aprovada durante o governo de Michel Temer, mesma data de publicação dessa tira chárstica. Conforme o então presidente, a emenda limitaria o crescimento dos gastos públicos por um período de duas décadas, com ajustes baseados na inflação do ano anterior. Assim, controlaria o déficit fiscal do país, impondo restrições às despesas públicas, incluindo áreas essenciais como saúde e educação. Conforme a Agência Senado (2016), críticos como o economista e sociólogo Guilherme Santos Mello e o economista e cientista político Pedro Paulo Zaluth Bastos argumentam que a medida comprometeria investimentos sociais e prejudicaria o crescimento econômico a longo prazo. Isso corrobora o desfecho inesperado, contribuindo para o tom crítico e humorístico.

Na tira em análise, fica evidente o antagonismo de Pudim. Ideologicamente, esse sujeito representa uma classe média alta, uma minoria elitizada, alinhada àquele governo. Seu posicionamento é de apoio ao controle de despesas governamentais e

justifica, no segundo quadro, que o país passa por problemas econômicos. Então, o que seria priorizar os gastos públicos? A partir de suas formações discursivas e ideológicas, fica implícito que os investimentos estatais devem priorizar a elite, excluindo o povo (demais camadas sociais de baixa renda), inclusive aqueles que, de alguma forma, representam alguma diversidade (étnico-racial, religiosa, de gênero etc.). No final, evidencia-se a oposição entre a elite (representada por Pudim, a minoria) e o povo (a maioria da população brasileira), representado por quatro crianças (a diversidade). Seguindo esse viés, a diversidade onera o Estado, e este deveria alinhar-se ao neoliberalismo.

As ideologias de direita e esquerda têm abordagens distintas sobre economia, sociedade e papel do governo (Crespigny; Cronin, 1999). Geralmente a direita defende o livre mercado, a propriedade privada, menos intervenção estatal e valores tradicionais. Ela valoriza a liberdade individual e a ordem social, enquanto a esquerda prioriza a igualdade social, a justiça econômica, a redistribuição de riqueza. Apoia maior intervenção do Estado para garantir direitos e reduzir desigualdades, defendendo mudanças sociais progressistas e o bem-estar coletivo. Tais ideias são inferidas na tira apresentada.

A tira foi compartilhada em rede social, num período quando houve uma expansão da participação de Pudim na série (Quadro 1). Coincidentemente ou não, Jair Messias Bolsonaro tornou-se mais evidente na *internet* a partir de 2014, no quarto mandato como deputado federal, quando começou a popularizar-se com discursos polêmicos e conservadores nas redes sociais (Nunes Dias; Solano, 2020). Fortaleceu-se em plataformas, como *Facebook*, *Twitter* (atual *X*) e *YouTube*, nas quais ele compartilhava opiniões contundentes sobre temas como segurança pública, corrupção e políticas sociais, atraindo seguidores que se identificavam com tais posições. Esse crescimento digital foi um fator crucial na campanha presidencial de 2018.

Na época, o presidente estadunidense era Donald Trump. De partido republicano — também conservador —, Trump comandava a maior potência mundial.

Bolsonaro, com o mesmo alinhamento ideológico, pretendia que alguém de sua confiança tivesse uma presença mais diretamente ligada ao presidente norte-americano. Essas condições de produção são primordiais para entender a tira ch\u00e1rgica seguinte.

Figura 4 – Outro exemplo de tira ch\u00e1rgica.



Fonte: Tira do Armandinho, cria\u00e7\u00e3o de Alexandre Beck, publicada em 18 jul. 2019. Dispon\u00edvel em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2641289002583056&set=a.488361671209144>. Acesso em: 6 jul. 2024.

Quando Bolsonaro cogitou indicar o filho, o deputado Eduardo Bolsonaro, ao cargo de embaixador em 2019, houve controv\u00e9rsia sobre a quest\u00e3o do nepotismo — pr\u00e1tica referente ao favorecimento de parentes na nomea\u00e7\u00e3o de cargos p\u00fablicos. Essa indica\u00e7\u00e3o tamb\u00e9m foi amplamente criticada porque ele n\u00e3o possu\u00eda experi\u00eancia diplom\u00e1tica significativa, embora alguns tivessem argumentado que a nomea\u00e7\u00e3o era legal e dependia da aprova\u00e7\u00e3o do senado federal. A controv\u00e9rsia levantou debates \u00e9ticos e pol\u00edticos, principalmente pelo fato de que geralmente Bolsonaro, em seu discurso, apregoa a moral e os costumes tradicionais. Assim, as palavras entrariam em choque com suas a\u00e7\u00f5es.

Miani (2023) argumenta que a tira ch\u00e1rgica utiliza o humor como um ve\u00edculo para cr\u00edtica social, permitindo a condensação e veiculação de temas complexos de maneira acessível e impactante. A *charge*, por sua vez, frequentemente se concentra em eventos ou situa\u00e7\u00f5es espec\u00edficas, oferecendo uma vis\u00e3o sat\u00edrica ou ir\u00f4nica que destaca quest\u00f5es sociais e pol\u00edticas de maneira incisiva. O humor, segundo ele, al\u00e9m de engajar

o público, serve para desafiar e questionar normas estabelecidas, funcionando como uma ferramenta de subversão e reflexão crítica.

Para Travaglia (2015) e Ramos (2011), o humor é construído para gerar certa expectativa ao longo da narrativa, cujo desfecho é inesperado, causando surpresa ao leitor. Essa construção pode valer-se de ambiguidades, remetendo a âmbitos diferentes ou utilizar determinados gatilhos que proporcionem mudanças para outras realidades interpretativas. Travaglia (2015, p. 52) ressalta que, “para Ducrot, humor é uma forma de ironia; humor é o não-dito; o indizível, o absurdo sendo dito”.

Para construir o cômico, os dramas e dilemas humanos são trazidos à tona. Travaglia (2015) salienta, contudo, que cada gênero diferentemente explora o humor. Em uma *charge*, por exemplo, um questionamento de posições religiosas por meio de elementos caricatos pode gerar o cômico. Dependendo de quem for o leitor, interpreta-se como humilhação ou grosseria. Isso quer dizer que o humor também depende do interlocutor, segundo suas FDs e formações ideológicas FIs.

### **3 Entre os aportes teóricos**

#### **3.1 Da linguagem dos quadrinhos aos discursos**

Diversas são as tentativas para definir as tiras cômicas. Embora não haja consenso acadêmico, conforme Miani (2023, p. 16), trata-se de uma “modalidade do humor gráfico” e “os principais elementos constitutivos da linguagem dos quadrinhos são a imagem e a palavra, vistas como elementos dialeticamente articulados que vão compor uma narrativa”. O mais importante é conceber tanto as tiras cômicas, as chárnicas, as livres, quanto as *charges*, os cartuns e muitos outros gêneros das histórias em quadrinhos como representações de mundo e de práticas de sujeitos, destaca Borges (2023b; 2022). Por consequência, também são perpassadas por escolhas político-ideológicas, não sendo, em hipótese alguma, neutras ou meramente descritivas. Desse modo, é crucial entender a linguagem quadrinística e depreender as ideologias materializadas nos discursos.

Dentre os vários constituintes e estratégias da linguagem quadrinística, por exemplo, para McCloud (2008), a vestimenta é um dos diversos elementos da criação das personagens, pois constitui uma distinção visual, esboçando uma identidade gráfico-visual. Ela pode refletir na vida interior (visão de mundo) e nos traços expressivos (de comportamento) de cada personagem, configurando um conjunto: o *design* de personagem. Dependendo da personagem e cena, o “figurino” se sobressai. Por meio das indumentárias, possibilita-se expressar aspectos culturais, situando-os em um período histórico e certas posições sociais.

Ainda segundo McCloud (2008), é possível integrar características do mundo real com um “estilo mínimo”, simultaneamente comunicativo e convidativo ao leitor. Ramos (2012) salienta a existência de graus de realismo, os quais não chegam a ser traços caricatos, mas permitem que o leitor faça uma referência. Ao compor uma personagem, Eisner (2010) ilustra que certos estereótipos podem ser utilizados, tendo semelhanças com o real e facilitando o reconhecimento pelo leitor. Em contrapartida, personagens estereotipadas podem limitar as possibilidades significativas, já que simplificam as características e podem direcionar o leitor a interpretações de viés preconceituoso.

Como está norteado, neste trabalho, focar a linguagem quadrinística por si só não é produtivo e relevante. É, em vez disso, fundamental estabelecer correlações entre o gênero do discurso e a conjuntura histórica a fim de apreender os efeitos de sentidos. E, por considerar essa abordagem teórico-metodológica compatível para cumprir os objetivos aqui propostos, apresentam-se a concepção de ideologia e outros aspectos teóricos da Análise do Discurso (AD) para análise das tiras.

### **3.2 Ideologia, discurso polêmico, *ethos*, intericonicidade e silêncio**

A partir dos pressupostos de Pêcheux, Orlandi (2006, p. 53) ressalta que “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. Assim sendo, a constituição do texto pelo sujeito é heterogênea, isto é, ele ocupa (marca) várias

posições no texto”. A ideologia, para Pêcheux (2010), é entendida como maneira(s) de interpelação para a constituição dos sujeitos. Ele concentra-se no papel da linguagem nesse processo, salientando sua operação via discurso, pelo fato de ser considerada um instrumento por meio do qual as FDs/FIs são expressas e possibilitam a compreensão do mundo e de si mesmas, sugerindo que os sujeitos são produtos dos discursos que os atravessam.

Orlandi (2003, 2007) argumenta que a linguagem não é portadora de um sentido intrínseco ou conteúdo predefinido, e sim um sistema cujo funcionamento é essencial para a construção dos sentidos. O sujeito, ao interpretar a linguagem, atribui sentidos e submete-se às ideologias que moldam sua percepção e compreensão. Esse processo interpretativo conta com o trabalho do silêncio.

Neste trabalho, emprega-se ideologia como a concepção de mundo de uma comunidade social específica em determinado período histórico, considerando as CPs, pois, por meio da linguagem, a ideologia manifesta-se. Uma dessas formas de manifestação ocorre pelos discursos materializados nas histórias em quadrinhos. Um deles é o polêmico, que, sob a ótica de Amossy (2017, p. 49), refere-se a “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura”.

Orlandi (1987), porém, enfatiza que, para polemizar, são necessárias teses opostas. A ideologia (Orlandi, 2003) é imprescindível para a noção de discurso. Isso significa que não existe a possibilidade de um discurso neutro ou imparcial. Em uma sociedade marcada por posições divergentes, observa-se a coexistência de diferentes discursos, refletindo a pluralidade e complexidade das interações sociais. Dessa forma, todo enunciado possui a potencialidade de transformar-se em outros.

Por meio das construções discursivas, pode-se depreender certa imagem ou identidade do enunciador. Surge, então, a noção remanescente do conceito antigo da retórica chamado *ethos*. Segundo Oliveira e Machado (2013), percebe-se determinada imagem do locutor que constrói uma representação de si mesmo com o objetivo de

influenciar seu interlocutor. Desde a Antiguidade (Grécia e Roma), o fato de automaticamente projetar uma imagem de si durante a enunciação do discurso não implica que essa imagem deva corresponder necessariamente à identidade real do enunciador.

Como destacado por Amossy (2005), o *ethos* está relacionado à questão da legitimidade do locutor em um processo de estabelecer sua credibilidade pela sua fala. O *ethos* – infantil, corrupto, grosseiro, estúpido, preconceituoso, violento, autoritário, caridoso, educado etc. – pode influenciar a forma como o discurso é percebido, bem como os efeitos de sentidos e as subjetividades (individuais) que se originam da coletividade, dos atravessamentos sócio-históricos. Maingueneau (2025), por sua vez, entende que o *ethos* é um dos elementos de constituição do discurso; por isso, não deve ser reduzido a uma alegoria sobre o enunciador ou a juízos feitos sobre ele.

Fernandes e Sá (2021), apoiados em Barthes no âmbito da semiologia estrutural e retomando Jean-Jacques Courtine, ressaltam que os discursos vão além do verbal. A intericonicidade caracteriza-se, nesse sentido, pelo entrelaçamento de discursos oriundos de diferentes contextos sociais em um processo contínuo de (re)configuração das FDs/FIs, com ativação de memórias discursivas, inclusive por meio de imagens. Esse conceito integra o não verbal ao discurso, contemplando diferentes semiologias. Nessa direção, a memória discursiva de uma FD também contempla uma memória visual, resultando numa reformulação do conceito de interdiscurso. Isso ocorre porque toda imagem está inserida em uma cultura visual, a qual pressupõe a existência de uma memória visual junto ao sujeito.

Para Orlandi (2003), o intuito da AD é entender os efeitos de verdade inerentes ao discurso; e um de seus elementos essenciais é o silêncio, que se correlaciona com esses outros conceitos dessa teoria. Conforme Orlandi (2007), existem diferentes formas de o silêncio significar (polissemia, interdiscursividade, CPs, por exemplo). O silêncio fundador/fundante é aquele sem o qual nada teria o significado. Mas ele divide-se, pois há sua própria política: o constitutivo e o local. Dependendo da forma

como ocorrem os apagamentos/silenciamentos, percebe-se o trabalho de uma ou outra política do silêncio. Ressalta-se que essas formas trabalham articuladamente.

O silêncio desempenha um papel fundamental na dinâmica dos sentidos. Esse processo também influencia a “movimentação” dos significados e está por trás da multiplicidade de sentidos, da polissemia e da efemeridade dos significados. Na AD, o silêncio é considerado um mecanismo discursivo que gera sentidos, porque “as próprias palavras transpiram silêncio (...) há um sentido no silêncio” (Orlandi, 2007, p. 11-12). Quando um discurso é enunciado, ele não é totalmente original, pois o silêncio reflete a tensão entre o singular e o múltiplo, o idêntico e o diverso, entre a paráfrase e a polissemia (Orlandi, 2007). Logo, o silêncio é crucial na constituição do interdiscurso, da memória discursiva e de outros componentes discursivos, sendo um elemento fundador que cria ligações entre o não dito, a materialidade histórica e a ideologia.

Assim sendo, segundo Orlandi (2007), o silêncio fundante pode ser comparado ao conceito de implícito proposto por Ducrot, em razão de haver conexão com o não dito. É um jogo constante de palavras, em que o interdiscurso, as FDs e as FIs, dependendo das CPs, são influenciados pela ação do silêncio, gerando efeitos de sentidos. O silêncio, portanto, é significante, pois produz sentidos imbuídos de ideologia(s). Ele possibilita que o não dito faça/adquira sentido(s), relacionando-se com a dimensão política (divisão) do silêncio, por se tratar de omissão, exclusão, apagamento ou silenciamento. O silêncio fundante não faz recortes, mas a política do silêncio sim.

A política do silêncio (Orlandi, 2007), que se manifesta no “não-poder-dizer” (impedimento explícito ou implícito) — no silenciamento ou apagamento — é tanto constitutiva quanto local, estando ligada ao não dito, mas em circunstâncias distintas. O silêncio constitutivo atua como uma forma de apagamento, indicando que, para dizer algo, é necessário deixar de dizer outras coisas. Assim, uma palavra necessariamente apaga outras palavras. Já o silêncio local refere-se à censura, ao que é

proibido de ser dito em determinadas circunstâncias devido a uma autoridade/instituição, como em um regime ditatorial.

#### 4 Pudim: o antagonista de Armandinho

O nome Pudim, possivelmente, tenha sido atribuído em referência à expressão popular “cabeça de pudim”, usada para descrever alguém que é considerado distraído, confuso ou com dificuldade de raciocínio claro. Trata-se de uma metáfora jocosa, mas pejorativa, que associa a textura e a consistência do pudim — um dos doces que é mole e gelatinoso — à suposta falta de firmeza no pensamento da pessoa descrita, relacionando-as à lentidão ou dificuldade para pensar ou concentrar-se, por exemplo.

##### 4.1 Antagonista *versus* protagonista

Na Figura 5, a primeira tira chágica publicada, contém a personagem Pudim. Em 2015, a partir do inventário de tiras, embora ainda não houvesse muitas aparições de Pudim, constatam-se os primeiros indícios do discurso de direita. Consiste, dessa forma, em um posicionamento marcante em contraposição à ideologia de Armandinho, criança contestadora de viés político-ideológico de esquerda (Basilio; Borges, 2019; Borges, 2022a).



Fonte: Tira do Armandinho, criação de Alexandre Beck, publicada em 12 abr. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=957950727583567&set=a.488361671209144>. Acesso em: 6 jul. 2024.

O efeito de sentido criado a partir da palavra enunciada “rua” é ambíguo. O silêncio fundante, segundo Orlandi (2007), movimenta os sentidos. Por isso, quando Pudim quer saber se o pai de Armandinho irá à rua naquele dia, fica difícil identificar a que ele exatamente está se referindo. “Rua” permite entender “ir passear” ou “estar livre” ou “ser demitido”. Ainda admite o sentido de participar de manifestações, protestos ou demonstrações de posicionamentos coletivos. Só no final (até lá os sentidos ficam à deriva, no âmbito da expectativa), entende-se que se trata de uma forma de mobilização social na qual pessoas se reúnem em espaços públicos — não necessariamente as ruas — para expressar suas opiniões, reivindicar direitos ou pressionar governos e outras autoridades a tomarem medidas específicas. “Ir para a rua” reflete o engajamento político e social de sujeitos que buscam mudanças ou a defesa de suas causas por meio da ação direta. Por outro lado, tal expressão, correlata a “ir para o olho da rua”, deixa claro uma das consequências dessa lei: o desemprego.

Os dêiticos de tempo “hoje” e “logo” estão vinculados ao momento de produção. O cartunista utiliza-se de uma informação que pode afetar diretamente a vida dos brasileiros para promover reflexões. O silêncio fundador ajuda o interlocutor a perceber que “ir para a rua hoje” correlaciona-se a protestar quando, depois do breve suspense criado no segundo quadro: tudo depende do que ocorrerá no cenário político. Armandinho revela a preocupação do pai com uma lei que tramitava no Congresso Nacional à época da presidência de Michel Temer, o que contribuiria para a demissão de uma parcela considerável de trabalhadores.

No último quadro, o enunciado materializa, historicamente falando, a legislação sobre a contratação de serviços de firmas aprovada pela Câmara dos Deputados — Lei n. 13.429, de 31 de março de 2017 — que permite às empresas terceirizarem qualquer setor, incluindo a atividade principal, no setor privado. Conforme o *Senado Notícia* (2017), a proposta prevê responsabilidade solidária entre a empresa contratante e a contratada em relação às obrigações trabalhistas, reduzindo o período de restrição para recontração de ex-empregados de 24 para 12 meses.

Associações, fundações e empresas individuais podem atuar como terceirizadas. A subcontratação é regulada apenas para serviços técnicos especializados, proposta também aprovada no Senado.

O silêncio constitutivo, de acordo com Orlandi (2007), faz com que algum discurso prevaleça em relação a outro(s). Sendo assim, a tira chágica em questão materializa certo apagamento da ideologia de esquerda, pois evidencia um prejuízo para a classe trabalhadora, que é a grande parcela da população. O antagonismo representado por Pudim simboliza a ideologia conservadora (neoliberalista). Há, portanto, disputa de narrativas, pois, de um lado, “hoje” supõe que os protestos são a favor dessa lei a qual defende anseios ideológicos de direita; de outro, “logo” vincula-se aos opositores de esquerda. Essa problemática gera um discurso polêmico, conceito explorado por Amossy (2017) e Orlandi (1987), no caso, oposição de teses em torno de interesses sociais. A perspectiva de protestos nas ruas para a manutenção de direitos trabalhistas e receio de desemprego abriu uma possibilidade de inversão.

Inicialmente, tem-se a impressão de que Pudim e Dinho produzem um discurso amistoso e desinteressado de questões político-sociais tal qual o *ethos* infantil faz o interlocutor supor. Amossy (2005), Oliveira e Machado (2013) ressaltam que a construção de uma imagem que corresponda a um enunciador pode não ser diretamente proporcional ao real. Isso possibilita efeitos de sentido(s). Também Fernandes e Sá (2021) advertem que os discursos são atravessados por outros. Portanto, todo enunciado possui a potencialidade de transformar-se em outros.

O discurso das personagens revela a ingenuidade e a simplicidade do mundo infantil inclusive ao tratar de temas complexos, como a terceirização e consequências (desvalorização salarial e desemprego, por exemplo), de maneira descontraída e menos formal. Mesmo sem entender completamente a gravidade do assunto, percebe-se que os medos e as incertezas do mundo adulto acabam atravessando os discursos típicos de crianças. Esse *ethos* infantil é construído tanto pela linguagem simples e direta, quanto pela própria forma física das personagens.

Nesse sentido, em princípio, o discurso pueril carrega uma crítica velada ao impacto de políticas públicas. O trabalho do silêncio constitutivo (Orlandi, 2007) faz com que concomitantemente o *ethos* infantil atue ao lado do *ethos* adulto, dando a impressão de que um tenta sobrepor o outro. A “ingenuidade” carrega uma preocupação latente com o futuro, algo que normalmente estaria correlato ao *ethos* de adultos, mas que aqui está expressa pela voz de infantes. Isso torna o discurso ainda mais impactante. Um dos efeitos de sentidos é um misto de ironia, humor e crítica.

A partir dos princípios estabelecidos por Eisner (2010) e McCloud (2008), a expressão facial do antagonista demonstra que a conversa tomou uma direção inesperada, contribuindo para o desenvolvimento do tom humorístico (Travaglia, 2015; Ramos, 2011). No primeiro quadro, Pudim e Dinho aparecem afáveis. No segundo, Pudim permanece calado, porém se pode visualizar o contorno de sua boca. Nesses dois momentos, as bocas exprimem a troca de turnos de fala. Depois, apesar de a expressão corporal ser a mesma em todos os quadros, a expressão facial de ambos muda completamente no final: Pudim fica sério; o traço para a marcação da boca desaparece completamente. A partir do formato da boca, ao perceber que a lei da terceirização parece ter sido aprovada, infere-se que o protagonista demonstra indignação. O conteúdo do dizer transparece, comparando-se com os dois primeiros quadros (mudança na expressividade facial).

Toda essa construção é corroborada pela expressão humanizada do sapo (atribuição de emoções humanas ao animal). Observando-se a expressividade facial e a corporal, ele acompanha a conversa dos dois garotinhos. Até o segundo quadro, o sapo esboça um sorriso. No final, com uma sutil mudança no olhar, ele deixa transparecer, semelhantemente ao tutor Dinho, um “ar de pesar” ou descontentamento. Isso se aplica ao uso das reticências. No segundo quadro, no início, elas indicam que a personagem ainda tem algo mais a dizer, criando uma pausa para continuar o pensamento (uma expectativa em construção), indicando, assim, vestígio do funcionamento do silêncio fundante. Nas duas ocorrências posteriores, elas

sugerem que Armandinho está refletindo sobre algo mais complexo que ele não expressa de imediato, como se estivesse preparando o leitor para uma continuação importante ou surpreendente, dando conexão entre as falas [continuidade da expectativa, uma regularidade típica dos gêneros tiras cômica e chárstica — Basilio, Borges (2019); Borges (2022<sup>a</sup>, 2022b); Ramos (2011, 2012, 2017)]. Por fim, indicam um efeito de inacabado ou consequências futuras que dependem dessa aprovação — o desfecho inesperado, outra regularidade constitutiva de tais gêneros. Elas também deixam em aberto o que poderia ocorrer com o pai da personagem caso a terceirização fosse aprovada, sugerindo incerteza(s). Percebem-se resquícios da atuação do silêncio constitutivo: um jogo de narrativas.

A falta de delimitação de traços da boca, no último quadro, é um vislumbre do trabalho do silêncio local. O posicionamento ideológico que Armandinho representa propõe um apagamento da posição ideológica simbolizada em Pudim, pois cala sua voz, como se o protagonista censurasse o antagonista. Além disso, a própria lei da terceirização é uma forma de silenciar localmente, no Brasil, a classe trabalhadora.

Essa primeira tira chárstica com a presença de Pudim exemplifica a polarização ideológica direita *versus* esquerda da sociedade brasileira nesse período, de forma simbólica, entre Pudim e Dinho, respectivamente. Beck, por meio da linguagem quadrinística, promove reflexões, retomando (do interdiscurso por meio de memórias discursivas) discursos em circulação, justapondo duas realidades, a das crianças e a dos adultos, em um jogo de narrativas devido aos silenciamentos.

## 4.2 O duelo das máscaras

Outro exemplar de tira chárstica contendo Pudim é o apresentado na Figura 6. Todavia, antes de analisá-lo, é necessário considerar as CPs relacionadas à pandemia da COVID-19 (sigla em inglês para *Coronavirus Disease 2019*), quando o uso de máscara cobrindo nariz e boca passou a ser obrigatório devido ao contágio da doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o emprego do termo *pandemia* vincula-se à

ampla distribuição geográfica de uma doença, indicando que diversas localidades do globo estavam expostas à moléstia causada pelo vírus Corona, identificado em 2019.

A OMS, na página oficial, explicita que a COVID-19 é causada pelo SARS-CoV-2 (e suas cepas). Refere-se ao surto que começou em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China. Essa enfermidade é conhecida por causar sintomas respiratórios e pode variar de leve a grave, afetando pessoas em todo o mundo. No Brasil, foi oficialmente decretada a pandemia pela OMS no dia 11 de março de 2020. Segundo o Ministério da Saúde, somente naquele ano, foram 191.949 óbitos. Até 14 de agosto de 2024, acumularam-se 712.841 pessoas mortas pela COVID-19.

Essa pandemia ocorreu durante o mandato do presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro, o qual, em discursos, acabou diferindo daquilo que a comunidade científica internacional e a OMS orientavam a população mundial. Chegou a minimizar a doença, comparando-a a uma “gripezinha”. Também, possivelmente por influência de Donald Trump, indicou a hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19, conforme a *BBC News Brasil* (2020; 2021). Além disso, segundo o *G1* (2020), Bolsonaro criticou o uso de máscara como forma de prevenção ao vírus.

Figura 6 – Negacionismo *versus* responsabilidade social



Fonte: Tira do Armandinho, criação de Alexandre Beck, publicada em 9 jul. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3420027611375854&set=a.488361671209144>. Acesso em: 6 jul. 2024.

Por meio dessa tira chágica, a hipótese inicialmente levantada neste estudo de que a constituição da personagem Pudim é caracterizada por um discurso conservador

bolsonarista começa a ficar mais evidente. No primeiro quadro, o antagonista sem máscara revela — por meio do interdiscurso, provavelmente pelos discursos de Bolsonaro, atravessado por outros discursos de direita ao redor do mundo, especialmente o trumpista — descrédito ao uso de máscara. As FDs interpeladas pelas FIs fazem com que ele questione a máscara, que é empregada entre aspas, produzindo efeito de sentido sarcástico ou irônico. Isso ganha mais efeito com a utilização da exclamação “QUÁ!”. A gargalhada de Pudim aumenta o menosprezo e deboche à máscara, sugerindo ser absurdo ou ridículo utilizá-la. Assim, com base em Orlandi (2007), o silêncio fundante trabalha para que os sentidos possam surgir. Em contrapartida, ao fazer a interrogação no início, o silêncio constitutivo contribui para que posicionamentos ideológicos favoráveis ao uso de máscara sejam apagados. Nesse sentido, não é apenas a máscara que está sendo contestada senão FDs e FIs diferentes daquelas representadas por Pudim.

Neste momento, trazer o conceito de intericonicidade (Fernandes; Sá, 2021) e relacioná-lo com Ramos (2012, p. 45), ao tratar sobre “[...] a interdependência entre imagem e texto para construir narrativas [...]”, ajuda a entender por que uma personagem está sem máscara e outras duas utilizam-na. Extrapolam-se o fato de querer usá-la ou não. Essas personagens, na condição de sujeitos, são interpeladas pelas próprias ideologias. Pudim, para se comunicar com Armandinho, recorre a um *smartphone*, um dispositivo de tecnologia mais avançada do que o aparelho do amigo, um telefone fixo (com fio). A fim de entender os efeitos de sentidos, a concepção de silêncio fundante possibilita pensar que o mundo evoluiu. Contudo, o posicionamento de Armandinho opõe-se ao de Pudim. Essa contradição gera discursos polêmicos. A polêmica refere-se a teses opostas como Amossy (2017) e Orlandi (1987) propõem.

O aparelho telefônico (fixo em um recinto, em oposição ao dispositivo móvel de Pudim) de Dinho é vermelho e está apoiado em cima de dois livros espessos. Considerar o trabalho do silêncio fundante aí propicia pensar sentidos outros. Não haveria a necessidade de essa personagem se mostrar com máscara — e o sapo menos

ainda — porque estava mantendo distanciamento social ao comunicar-se com o colega por telefone. A materialização do discurso de esquerda (ou no mínimo de um discurso que não fosse vinculado à extrema direita), nessa situação, é justamente a utilização da máscara. Vermelho pode remeter ao Partido dos Trabalhadores (PT), a esquerda. Os livros apareceriam, então, para estabelecer relação com a ciência, demonstrando contrariedade ao discurso negacionista empreendido, em tese, por bolsonaristas. Manter distanciamento social e usar máscara, sob o ponto de vista (negacionista) de Pudim, parece ser sinal de fraqueza e submissão; para Dinho, cuidado e responsabilidade.

No segundo quadro, Pudim não conclui o pensamento. Isso é marcado pelo uso de reticências e pela ausência de moldura para delimitar o quadro. Essa abertura promove uma movimentação dos sentidos que ficam à deriva, noção discutida por Orlandi (2003, 2007). Segundo ela, os sentidos podem ser outros a depender das FDs e FIs dos sujeitos. Contudo, o trabalho do silêncio não para. Percebe-se que, por meio do silêncio constitutivo, a ideologia de direita tenta silenciar a de esquerda e vice-versa. Em outras palavras, os discursos, dependendo das CPs, mesmo quando repetidos, podem gerar efeitos de sentidos diversos.

No primeiro quadro, a palavra *máscara* inicialmente possibilita ter diversos significados, por meio do silêncio fundante — que, segundo Orlandi (2007), é o responsável por “carregar” todos os significados atribuídos a uma palavra. Por exemplo, *máscara* (Michaelis, 2024) pode ser: equipamento para proteger o rosto, modelo de face com ou sem decoração, produto cosmético para tratar a pele do rosto, equipamento hospitalar com oxigênio, equipamento de mergulho, disfarce, fingimento etc. — bem como os efeitos de sentidos que tal palavra pode apresentar. O trabalho do silêncio fundante ajuda o interlocutor a delimitar os significados. O texto, por materializar o discurso, permite visualizar que se trata da máscara que cobre nariz e boca, sendo uma das formas de proteção contra o coronavírus. Todavia, à medida

que a leitura acontece, os sentidos vão surgindo metaforicamente em torno desse objeto. A máscara, portanto, representa ideologia(s).

O enunciador que despreza o uso de máscara simboliza a ideologia de extrema direita a qual frequentemente enfatiza a liberdade individual e a responsabilidade pessoal. Essa perspectiva pode valorizar a escolha pessoal, sobrepondo as recomendações de saúde pública. Também fica evidente — por meio desse conceito explorado por Amossy (2005), Oliveira e Machado (2013) — o *ethos* bolsonarista: quem é de direita não usa máscara, os demais precisariam fazer o mesmo e deveriam deixar de “maricagem” ou “frescura”. Da mesma forma, o protagonista usa a máscara para representar a ideologia de esquerda, que tende a enfatizar a solidariedade social e a responsabilidade coletiva. Essa visão altruísta valoriza medidas de saúde pública que protegem a comunidade, mesmo que isso signifique limitar algumas liberdades individuais (por exemplo, de expressão, de locomoção e política). Por outro lado, há certo relativismo, não necessariamente quem apoia(va) Bolsonaro seja contra o uso de máscara.

No último quadro, tem-se a impressão de que Armandinho quer calar Pudim (o trabalho do silêncio local). O silenciamento foi feito para que a ideologia do outro ficasse impedida de ser expressa devido à forma como a personagem interrompe a fala de Pudim. Dinho quer evitar que o antagonista conclua suas ideias, considerando o papel do silêncio fundante, sugerindo que ele fosse dizer que usar máscara não é “coisa de homem”, é “coisa de mulherzinha”, é “coisa de *gay*” etc. Grosso modo, discursos de (extrema) direita questionam a “ideologia de gênero”, podendo discriminar quem não é heterossexual. Em artigo de Bergamo (2020), exemplifica-se um discurso de Bolsonaro afirmando categoricamente que “máscara é coisa de ‘viado’”. Isso exemplifica a ativação de memórias discursivas presentes nessas FDs. Em princípio, a esquerda utiliza o conceito vinculado à teoria de gênero (das ciências sociais) para abordar questões sobre LGBTQIAPN+ no lugar do termo pejorativo “ideologia de gênero”. Segundo Orlandi (2003, 2006, 2007), fica a cargo do interlocutor depreender

os efeitos de sentido. Essa mesma ideia é postulada por Travaglia (2015) ao enfatizar que a interpretação dependerá exclusivamente do leitor.

### 4.3 A retórica da minimização

Na amostra de tira chárstica (Figura 7), trazida para análise neste momento, apresenta-se a personagem Pudim em quatro consecutivas, em uma configuração mais verticalizada [uma tira dupla quanto ao formato, segundo Ramos (2017)], desacompanhado da personagem principal Armandinho. É visível que a expressão facial, especialmente a boca bastante aberta e a cabeça levemente inclinada para cima (no primeiro quadro), demonstra perplexidade e indignação sobre determinadas questões que afrontam as próprias FDs/FIs, bem como a gesticulação com a mão direita nos três primeiros quadros. Para indicar as falas de Pudim, em forma de perguntas, são empregados os rabichos. Pudim está posicionado: do lado direito do quadro, nos três primeiros [em plano de visão total — que é um posicionamento da personagem de corpo inteiro, sem que elementos do cenário sejam retratados ou com a diminuição da ênfase sobre eles, considerando Ramos (2012)]; mais ao centro, no último, de perfil, olhando para o lado esquerdo. A personagem aparece vestida com uma camisa da seleção brasileira, amarela com detalhes verdes e um emblema azul e branco, fazendo lembrar o da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Usa ainda um calção azul, com listra branca.

Ramos (2012) aponta que a leitura de quadrinhos envolve a compreensão de diferentes elementos visuais e textuais que, juntos, constroem a narrativa. Na tira do Armandinho, pode-se verificar que uma personagem secundária, nessa sequência narrativa, como Pudim, ganha destaque e assume momentaneamente o papel de protagonista. Ele aparece sozinho nos quatro quadros. Só ele fala, aparentemente sem ter ninguém para interagir. No entanto, essa estrutura em sequência de quatro quadros em dois andares facilita a progressão narrativa e a construção dos sentidos.

Figura 7 – Pudim em defesa do ex-presidente Bolsonaro.



Fonte: Tira do Armandinho, criação de Alexandre Beck, publicada em 21 mar. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=805902411574008&set=a.475822997915286>. Acesso em: 6 jul. 2024.

Levando-se em conta as CPs dessa tira chárstica, o leitor precisa estar ciente de que o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro poderia ser preso, devido aos inquéritos abertos contra ele. Mais uma vez, a tira, por ser chárstica, está atrelada a eventos específicos. Embora o mundo tenha acesso a essas informações pela *internet*, não se trata de fatos atemporais. Dias antes e mais especificamente no dia 20 de março desse mesmo ano, eram divulgadas, na imprensa nacional e internacional, notícias abordando os motivos de tais inquéritos existirem e que são justamente retomados nos enunciados da personagem. À época de cada uma dessas razões, a mídia noticiava a veracidade jurídica dos fatos. Em março de 2025, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou-o réu por tentativa de golpe. Em junho, o julgamento estava em andamento. Em novembro, Jair Bolsonaro, encerrado o processo, iniciou o cumprimento da pena de 27 anos e 3 meses em regime fechado, por cinco crimes, dentre eles, organização criminosa armada e golpe de Estado (Boechat; Vittorazzi, CNN Brasil, 2025).

Pudim parece categorizar cada um deles em grau de importância, partindo do delito mais leve ao mais grave:

- a) assediar baleia (ao andar de *jet-ski*);
- b) fraudar atestado de vacina (do então presidente e de outras pessoas, atestando ter tomado doses da vacina contra COVID-19, a fim de não ser deportado dos Estados Unidos);
- c) afanar joias (em viagem oficial, Bolsonaro recebeu um *kit* valiosíssimo de joias como presente, tido como patrimônio do Estado; no entanto, foram vendidas);
- d) tentar dar um golpe de Estado (em depoimentos, assessores de Bolsonaro afirmam que ele não diz claramente golpe, mas investigações encontraram documentos, uma minuta do golpe e vídeo, contendo os procedimentos a serem tomados, dentre outros fatos relacionados à invasão e depredação, no dia 8 de janeiro de 2023, do Congresso Nacional, Palácio do Planalto e STF).

A atuação do silêncio constitutivo ocultou ou colocou à margem o interlocutor de Pudim. Essa ocultação possibilita fazer algumas suposições de quem poderia ser o interlocutor dele: o Armandinho ou até mesmo a imprensa que divulgava tais notícias ou sujeitos opositores de Bolsonaro, por exemplo. Considerando toda a trajetória de Pudim, a partir do trabalho do silêncio fundante, fica evidente que a personagem é declaradamente bolsonarista mais explicitamente nessa amostra.

Um outro aspecto da linguagem verbal presente nessa tira chárstica é o uso de diminutivos nos enunciados de cada quadro: “baleiazinha”, “atestadozinhos”, “joiazinhas” e “golpezinho”. Tal uso produz certa ironia ao sarcasticamente tentar minimizar atitudes que, de alguma forma, incorrem em alguns dos artigos do direito criminal, criando um contraste entre a gravidade das ações mencionadas e a forma aparentemente leve e banal com que são descritas e ordenadas. Por outro lado, interdiscursivamente, conforme a teoria pecheutiana explicitada por Fernandes e Sá (2021), tais diminutivos relacionam-se ao discurso de Bolsonaro de minimizar a gravidade da pandemia da COVID-19 ao referir-se a ela como “uma gripezinha”. Esse

é um vestígio do trabalho do silêncio fundante, permitindo depreender que o discurso de Pudim é atravessado por FI correlata a do bolsonarismo.

Em se tratando da linguagem quadrinística, a articulação entre elementos gráfico-visuais e palavras constitui um fundamento. Em geral, a produção de textos em quadrinhos não é aleatória; alguma razão impulsiona-os (Basilio; Borges, 2019; Borges, 2022; Eisner, 2010; McCloud, 2008; Ramos, 2012). Nas tiras chárnicas em análise, não se pode negligenciar tal fundamento para a compreensão das críticas, especialmente as políticas. Nesse sentido, Fernandes e Sá (2021) reavivam a reformulação do conceito de interdiscurso, considerando a intericonicidade proposta por Courtine. Transparece-se que o visual também está relacionado às FDs/FIs. Desde o enquadramento da personagem marcadamente à direita do quadro e, no último, embora os braços estivessem contidos ou “colados” ao resto do corpo, é como se tivesse dado passo para a esquerda do quadro, para opor-se aos posicionamentos políticos de esquerda. A movimentação do braço direito e a utilização do uniforme de futebol da seleção brasileira corroboram a FI de extrema direita. Essa direita corresponde praticamente à metade dos brasileiros, considerando certo equilíbrio (conforme pesquisas e resultados de eleições) na polarização ideológica (esquerda *versus* direita), no cenário político nacional.

A repetição do formato de pergunta retórica (“Só porque...”, “E fraudou...”, “E afanou...”, “E tentou...”) cria um ritmo cumulativo e de recorrência. Baseando-se em Amossy (2017) e Orlandi (1987), mesmo que os enunciados componham um discurso polêmico, banalizam-se esses atos ilícitos na percepção pública. Para produzir tal enunciado, o uso da figura de uma criança, geralmente estereotipada como ingênua, relaciona o *ethos* de um sujeito infantil “inocente”, conseqüentemente permeado de ingenuidade. Logo, aqueles com FDs/FIs semelhantes também se identificariam com esse mesmo *ethos*. Em contraposição, os sentidos outros apresentados anteriormente, articulados pelo silêncio fundante, podem sugerir *ethé* diferentes, por exemplo, reforçando aquela ideia estereotipada (a partir de memórias discursivas) de que “todo

político é corrupto”; ou, em contraste, a defesa de Pudim interdiscursivamente resgata o discurso de Bolsonaro imbuído do *ethos* homem trabalhador, que é “pai de família” e “honesto” — isto é, FDs com base em modelo de família patriarcal heterossexual. Isso demonstra uma constituição paulatina das FDs e FIs de Pudim.

## 5 Considerações

Nas tiras chárgicas produzidas por Beck (Figuras 3 a 7), empregam-se elementos e estratégias da linguagem quadrinística para tecer críticas mordazes aos políticos brasileiros, evidenciando um descontentamento quanto às práticas e promovendo reflexões sobre a moralidade no cenário público. Quanto ao objetivo de *explicitar a articulação entre a linguagem quadrinística e a produção de sentidos*, este foi alcançado ao demonstrar que determinados recursos e estratégias são fundamentais para guiar a interpretação do leitor, tais como: (a) o enquadramento e formato (quadros abertos e fechados; tiras no formato tradicional e tira dupla); (b) a construção das personagens (vestimentas, expressividade, posicionamentos etc.); (c) os planos de visão (posicionamento das personagens e dos elementos do cenário dentro dos quadros); e (d) o uso de balões-zero com rabicho (nas interações verbais). Comprovou-se que a multimodalidade dos quadrinhos — em que imagem e palavra se inter-relacionam dialeticamente — é o que permite a construção de uma narrativa crítica autossuficiente.

Além disso, a partir, por exemplo, das ideias de Eisner (2010), McCloud (2008) e Ramos (2012) sobre as formas de construção das personagens, pôde-se compreender que, com figuras caricaturais e exageradas, as personagens de Beck representam sujeitos e simbolizam aspectos político-sociais mais amplos, principalmente em contexto brasileiro. A construção das personagens estudadas, sobretudo a de Pudim, é fundamental para o entendimento dos sentidos em jogo nas tiras da série *Armandinho*. Os efeitos de sentidos nessas histórias em quadrinhos, depreendidos a

partir dos *ethé*, corroboraram uma das proposições de Maingueneau (2025): o *ethos* constitui um componente discursivo.

Com a análise, ainda se revelou de que maneira Pudim veio constituindo seu discurso de extrema direita (bolsonarista), considerando o contexto político-cultural. Observou-se como a linguagem quadrinística e a produção de sentidos articulam-se, revelando posicionamentos ideológicos do discurso do antagonista e contribuindo para a caracterização da tira chárstica. Os discursos polêmicos mostraram-se impregnados das formas do silêncio (Orlandi, 2007) que os sustentam. Inicialmente caracterizado por atributos físicos e agressividade — o estereótipo do "brigão", que impunha medo em vez de respeito (Figura 2) — a personagem modificou-se (de 2012 a 2024) para representar uma classe média alta alinhada a discursos neoliberais e conservadores (Figura 7). Essa mudança é visível em sua defesa de medidas como a "PEC 55" (Figura 3), revelando formações discursivas (FDs) que priorizam os interesses de uma elite em detrimento da diversidade social (objetivo alcançado de *evidenciar os posicionamentos ideológicos*).

O objetivo de *caracterizar o gênero "tira chárstica"* foi consolidado pela observação de que as tiras de Beck transcendem o humor cômico tradicional. Demonstrou-se que a tira chárstica é um gênero híbrido (tira cômica e *charge*) que exige do leitor o acionamento de conhecimentos externos e notícias factuais para que o sentido seja completo, estabelecendo um vínculo indissociável com o momento de produção sócio-histórico (de 2012 a 2024), uma marca da *charge*, levando em conta as CPs (conjunto mais amplo de fatores históricos e ideológicos).

Por fim, a exploração do *silêncio e das transformações físico-ideológicas* revelou como a identidade visual de Pudim foi estrategicamente utilizada para dialogar com o cenário político brasileiro. O *boom* de aparições da personagem em 2016, coincidindo com o *impeachment* de Dilma Rousseff e a Operação Lava Jato, bem como o uso recorrente da camisa da seleção brasileira em 24 ocasiões, funcionaram como marcas

de intericonicidade que ancoram o discurso da personagem em uma memória discursiva específica da direita conservadora no Brasil.

Em suma, os resultados ratificam que a personagem Pudim atua como um antagonista sob a ótica político-ideológica, cuja evolução estético-temática é quadrinisticamente representada para que sejam problematizadas discursivamente as tensões e a polarização da sociedade brasileira contemporânea.

## Referências

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

BASILIO, B.; BORGES, M. II. O posicionamento de Alexandre Beck nas tiras cômicas de Armandinho. In: PELEGRINELLI, A. L. M.; MOLINA, A. H.; SILVA, G. do N. (org.). **Anais do VII ENEIMAGEM e do IV EIEIMAGEM** [livro eletrônico]: Eixo 12 – Humor e Imagem, coordenado por R. A. Miani, ISBN 978-85-7846-566-7, Londrina, UEL, 2019. p. 23-36. Disponível em: <https://sites.uel.br/ledi/eneimagem-eieimagem>. <https://www.uel.br/eventos/eneimagem/2019/wpcontent/uploads/2019/08/12.HUMOR-E-IMAGEM.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BBC NEWS BRASIL, 2020. **2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de “gripezinha”, o que agora nega**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BBC NEWS BRASIL, 2021. **A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BERGAMO, M. Máscara é “coisa de viado”, dizia Bolsonaro na frente de visitas. **Folha de São Paulo**, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml>. Acesso em: 6 out. 2024.

BOECHAT, G.; VITTORAZZI, D. **Bolsonaro é condenado a 27 anos e 3 meses de prisão por plano de golpe**. CNN Brasil, 11 set. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stf-pena-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

BORGES, M. I. Armandinho e o ano de 2020: COVID-19 e outros temas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netli**. Crato, v. 11, n. 1, 2022a, p. 88-105. DOI <https://doi.org/10.47295/mren.v11i1.172>

BORGES, M. I. Ilustrações editoriais: uma perspectiva sócio-histórica sobre a tragédia na Escola Estadual Raul Brasil. *In*: PELEGRINELLI, A.; MOLINA, A. H. (org.). **Experiências visuais: ecos temporais e ecos espaciais**. Londrina: Eduel, 2022b. p. 57-79.

BORGES, M. I. Tragédia na escola em 2023: quadrinhos, representação, visão performativa de linguagem e percepção de mundo. *In*: SANTANA, W. K. F.; SARAIVA, L. M. (org.). **Educação e práticas interdisciplinares: linguagens e diálogos**. Vol. 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 204-223. E-book. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/educacao-e-praticas-interdisciplinares-linguagens-e-dialogos-vol-3/>. Acesso em: 19 fev. 2026.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 15 ago. 2024.

BRASIL. **Críticos consideram PEC do Teto ameaça a conquistas sociais da Constituição**. Brasília, DF: Agência Senado, Senado Notícias, Senado Federal, 08 nov. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/08/criticos-consideram-pec-do-teto-ameaca-a-conquistas-sociais-da-constituicao>. Acesso em: 6 fev. 2026.

BRASIL. **Proposta de Emenda Constitucional n. 55, de 2016**. Brasília, DF: Atividade Legislativa, Senado Federal, 15 dez. 2016. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>. Acesso em: 6 fev. 2026.

BRASIL. **Sancionada lei da terceirização, mas Senado deve votar projeto alternativo**. Brasília, DF: Agência Senado, Senado Notícias, Senado Federal, 31 mar. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/31/sancionada-lei-da-terceirizacao-mas-senado-deve-votar-projeto-alternativo>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CRESPIGNY, A. de; CRONIN, J. **Ideologias políticas**. 2. ed. Tradução de S. Duarte. Brasília: Editora UNB, 1999.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução de L. C. Borges e A. Boide. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, C. A.; SÁ, I. de. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

G1. **Bolsonaro contraria ciência e diz a apoiadores que eficácia de máscara é 'quase nenhuma'**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/19/bolsonaro-contraria-ciencia-e-diz-a-apoiadores-que-eficacia-de-mascara-e-quase-nenhuma.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MAINGUENEAU, D. O ethos discursivo e o desafio da web. Tradução de M. C. G. M. Cavalcanti. In: COSTA, N. B.; MENDES, M. das D.; MATOS, J. W. (org.). **As margens do discurso**. São Paulo: Contexto, 2025. p. 85-102.

MÁSCARA. **Michaelis**: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mascara>. Acesso em: 6 out. 2024.

McCLOUD, S. **Desenhando os quadrinhos**. Tradução de R. M. dos Santos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

MIANI, R. A. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **9ª Arte**. São Paulo, 2012. v. 1, n. 1, p. 37-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/99622>. Acesso em 8 ago. 2024.

MIANI, R. A. **Charge**: elementos de teoria e subsídios para uma metodologia de análise. São Paulo: Criativo, 2023.

NUNES DIAS, C.; SOLANO, E. **Jair Bolsonaro**: o mito e o sistema. São Paulo: Editora Autonomia Literária, 2020.

OLIVEIRA, E. G. de; MACHADO, R. P. B. O *ethos* em(cena): a força argumentativa do humor. **Verbum**: cadernos de pós-graduação, n. 3, p. 4-24, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/15268>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. DOI <https://doi.org/10.7476/9788526814707>

OMS. **COVID-19**. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/coronavirus/coronavirus#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/coronavirus/coronavirus#tab=tab_1). Acesso em: 15 ago. 2024.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-1969). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de E. P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

RAMOS, P. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

TRAVAGLIA, L. C. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. *In*: CARMELINO, A. C. (org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 49-90.